



“Aprender com a experiência emocional”: considerações sobre a função de tradução ou de desdobramento de I. Matte-Blanco

Pietro Bria, Roma*



* Membro Associado da Sociedade Psicanalítica Italiana.

Revista de Psicanálise, Vol. X, Nº 1, abril 2003 □ 133





O capítulo sobre a “função de tradução” é central na obra que Matte-Blanco dedicou ao inconsciente, reformulando em termos lógico-matemáticos a concepção da mente e de seus processos de significação, o que Freud havia revolucionado de modo intuitivo.

Este percurso levou Matte-Blanco a afirmar que as “violações fundamentais da lógica”, que Freud percebia no inconsciente – quando o descrevia em termos “estruturais” – e que implicavam no desrespeito ao princípio essencial de não contradição que Aristóteles havia colocado em defesa da natureza heterogênea do pensamento, poderiam ser resolvidas – ou tornar-se positivas – na presença de uma lógica bastante particular que – a partir do *princípio de simetria* que a caracteriza – recebe o nome de *lógica simétrica*. Cada elemento individual dessa lógica – que enquanto tal é reconhecido como elemento pertencente a uma ou mais classes de equivalência e é “elemento” de interseção único dessas classes – torna-se “idêntico” à classe. Isso significa que a pura e simples semelhança ou afinidade entre elementos de uma mesma classe, que incluiria – segundo a lógica aristotélica – somente identidade relativa a determinadas características, é tratada pelo inconsciente como “identidade” absoluta com relação a todas as características.

E assim, segundo Matte-Blanco, o inconsciente, devido à prevalência de tal lógica, “não conhece indivíduos, mas somente classes ou funções proposicionais”. O que comporta ausência de tempo, ausência de espaço, ausência de negação, identidade entre a parte individual e o todo, aspectos implícitos nas “caraterísticas especiais”, que Freud atribuía ao inconsciente como estrutura.

Essa “lógica especial”, que lida somente com as “totalidades unas”, posta lado a lado ou envolvida com a lógica que preside os processos diferenciadores e diacríticos da consciência e, por isso, vinculada ao respeito ao princípio aristotélico de não contradição é, para Matte-Blanco, a expressão lógica de um fato ontológico fundamental: *“Existe nos seres humanos e no mundo um modo de ser que se exprime através da distinção entre as coisas, portanto, através de sua divisão; e existe um outro modo que trata qualquer objeto de conhecimento como se fosse um todo: os modos heterogêneo e indivisível”*.

Desta abordagem “estrutural” do inconsciente, originam-se os dois grandes filões da reflexão de Matte-Blanco, que ocupam toda a sua obra: a questão da natureza das emoções e a questão do infinito, que marcaram desde o início a reflexão filosófica e matemática. A partir deste momento – certamente pela primeira vez no pensamento psicológico – emoções, infinito e inconsciente encontram-se unidos por um isomorfismo das suas estruturas que revela o fato fundamental de que através dessas estruturas o homem tentou representar simbolicamente o aspecto ou o fundamento





indivisível de seu próprio ser psíquico.

Tudo isso levará Matte-Blanco a articular a dialética inconsciente-consciência em termos de dialética entre infinito e finito e a se interrogar sobre o processo através do qual a consciência, que trabalha dentro dos limites finitos, tenta se apropriar das “potencialidades infinitas” da emoção inconsciente: uma função que Matte-Blanco, justamente nesse capítulo central, chama de *tradução* ou de *desdobramento* e que estará na base do processo interpretativo em psicanálise.

Aqui há uma referência clara a Freud e àqueles trechos da sua obra em que se ocupa das “transformações” necessárias para que o inconsciente ascenda ao campo da consciência. Como em seu ensaio metapsicológico sobre *O Inconsciente* de 1915, em que escreve que “*Só conhecemos o Inconsciente como algo consciente, depois que sofreu transformação ou tradução para algo consciente*”; ou quando aborda em sua *Traumdeutung* os eventos do chamado “trabalho onírico”, em que o processo de tradução (de uma língua para outra) acontece nos dois sentidos: no sentido formativo, que leva do conteúdo latente ou dos pensamentos do sonho ao conteúdo manifesto, e no sentido interpretativo, no qual os sinais do conteúdo manifesto são traduzidos – como para a escrita hieroglífica – “um por um na língua dos pensamentos do sonho”; ou ainda, quando conclui de maneira decisiva um dos seus últimos trabalhos póstumos, afirmando: “Devido à natureza particular do nosso conhecimento, *o nosso trabalho científico no âmbito da psicologia consistirá em traduzir os processos inconscientes em processos conscientes*, de forma a preencher as lacunas da percepção consciente...”.

Esta última afirmação de Freud com relação à tradução parece, do meu ponto de vista, um pouco mais problemática do que as primeiras e parece fazer referência à característica estrutural da nossa maneira de obter conhecimento e, obviamente, também à forma “cheia de lacunas” do inconsciente.

Agora, gostaria de retornar a Matte-Blanco e destacar que o inconsciente, visto a partir de sua perspectiva “estrutural” como realidade “simétrica” ligada ao princípio de simetria que caracteriza a realidade dos afetos, é assim, na sua relação com a consciência, não pela intervenção de um mecanismo como aquele da repressão, que isola os desejos “censurados” do campo da consciência, mas sim pela incapacidade e pelos limites dimensionais da consciência de acolhê-lo em seu reino. Devido à mesma escassez dimensional não poderíamos jamais derramar toda a água contida em uma jarra em um copo. Se possuíssemos uma consciência infinita ou de dimensões infinitas – acrescenta Matte-Blanco de maneira provocativa – não haveria possibilidade de o inconsciente existir, já que a consciência ocuparia todo o campo do psíquico. Para que a realidade emocional entre no campo da consciência – conclui Matte-Blanco, de acordo com o Freud estrutural – ela deve necessariamente submeter-se às





Pietro Bria

leis da consciência, as quais não são leis do inconsciente. Daí a necessidade da “tradução”.

De certa forma, Freud havia intuído isso quando afirmou em seus “Estudos sobre a Histeria”:

*“Se depois de terminado o processo, pudéssemos mostrar a uma terceira pessoa o material patogênico na sua já reconhecida organização pluridimensional e complexa, esta pessoa poderia perguntar: ‘Como um camelo conseguiu passar pelo buraco de uma agulha?’ Fala-se, na verdade, e não de forma equivocada, de ‘estreitamento da consciência’, que adquire sentido e concretude para o médico que efetua uma dessas análises (...) Toda a massa de material patogênico é passada através de uma fissura estreita e por isso chega à consciência como se estivesse desmembrada em pedaços ou em trechos. É tarefa do psicoterapeuta recompor a organização presumida. Quem ainda aprecia as comparações poderá pensar em um jogo de paciência” (Freud 1892-95, em *Obras Completas*)¹.*

Se passamos a estudar o significado da função de tradução, logo nos damos conta de que ele aparece estreitamente ligado ao significado do termo inconsciente e que este último não é inteiramente unívoco na obra de Freud. Porque, se o inconsciente está ligado exclusivamente à repressão, “traduzir” significará, por um lado, “disfarçar” defensivamente o desejo reprimido para torná-lo “aceitável” para a consciência e, por outro lado, como é evidente na interpretação do “conteúdo manifesto” do sonho, coincidirá com um processo de “decifração” do texto que contém o “disfarce” dos procedimentos lingüísticos com que o desejo originário se tornou irreconhecível. Enquanto na acepção “estrutural” do inconsciente, como modo de ser dos afetos, o processo é exatamente inverso com relação ao precedente e a tradução não consistirá mais em uma pura e simples transposição de um texto de uma língua para outra, mas irá se configurar como uma tentativa, jamais esgotada, por parte do pensamento – como função diferenciadora – de apanhar ou capturar nas suas “redes” e, portanto, em termos de relações espaciais e temporais, a realidade emocional que existe como um “todo uno”. Porém, colocada nesses termos, a função de tradução torna-se função essencial da mente. Essa função caracteriza os procedimentos e os mecanismos do pensar, os quais encontram a justificativa para a sua ação na realidade emocional que ocorre primariamente através da experiência corporal e espera ou necessita ser organizada e regulada para ser utilizada com objetivos adaptativos.

1. Tradução nossa. (N. do T)





Matte-Blanco encontra para essa função tão intensa um outro termo que, a meu ver, não somente é mais apropriado, mas anuncia um outro grande filão da sua pesquisa, ou seja, aquele que se refere às relações entre mente e espaço. Trata-se do processo de *desdobramento* (*unfolding*), que sugere não somente discriminação ou diferenciação daquilo que é visto como “um todo” e que é próprio do sentir emocional, mas também um processo de “desenvolvimento” (talvez infinito) de algo que está fora do espaço e do tempo em uma sucessão de estruturas temporais e espaciais tridimensionais que, no final, como afirmava Freud, referindo-se à consciência, acabam sendo “a única luz que nos ilumina e guia nas trevas da vida psíquica” e dão, por assim dizer, “visibilidade” ao inconsciente emocional.

Money-Kyrle (1968) caminha nesta mesma direção quando, em seu histórico trabalho sobre o desenvolvimento cognitivo, citado por Matte-Blanco justamente nesse capítulo que estamos comentando, afirma:

“De acordo com nossos conhecimentos, a primeira pré-concepção inata ativa no recém-nascido é, presumivelmente, a de um seio ou mamilo. Ou ainda, de um seio bom e um mau. As duas classes abrangem um vasto território. Um certo número de objetos seriam reconhecidos como seus membros (ou, na terminologia de Bion, se juntariam neste vasto território). Paralelamente ao desenvolvimento de um conceito de um seio ou, mais especificamente, de um mamilo, podemos supor o desenvolvimento de um conceito de algo que recebe ou contém o mamilo, ou seja, uma boca. Desses dois conceitos parece derivar todo ou quase todo o vasto número de conceitos que empregamos, através de processos de divisão e combinação (cisão e integração)” (Money-Kyrle, 1968, p.433).

Matte-Blanco comenta ainda que “(...) o conceito de pré-concepção parece ter uma certa correspondência com a noção de ser simétrico”, enquanto que “(...) o processo descrito por Money-Kyrle na última parte da citação, especialmente o relevo sobre a divisão e sobre a combinação dos conceitos, corresponde ao processo de tradução do ser simétrico em expressões assimétricas.”

Bion (1962) trabalha na mesma linha de pesquisa em *Apprendere dall'esperienza*, no qual chega a formular o conceito de *função alfa*, ao qual atribui a tarefa de transformar as impressões sensoriais relacionadas à experiência emocional em elementos (alfa) passíveis de serem pensados.

“Para que se possa aprender com a experiência”, afirma Bion, “a função alfa deve operar sobre a consciência de uma experiência emocional; das im-





Pietro Bria

pressões de tal experiência originam-se elementos alfa; tais elementos tornam-se armazenáveis, para que os pensamentos do sonho e o pensamento inconsciente de vigília possam utilizá-los” (Bion, 1963, p.8).

Acredito que nesta acepção fundamental a função alfa bioniana esteja muito próxima à função de tradução de Matte-Blanco. Tal impressão é reforçada quando Bion concebe como *barreira de contato* o adensamento ou a proliferação dos elementos alfa que permitem o contato e a diferenciação entre consciente e inconsciente. Esse conceito de Bion refere-se a uma percepção de Freud (1938), quando este fala de “resistências internas” que são condições indispensáveis da normalidade, apontando, assim, em direção a um conceito de “repressão estrutural” paralelo ao conceito mais conhecido de “repressão como barreira” que mantém conteúdos mentais fora da consciência. Isso levou Matte-Blanco a identificar dois tipos de barreiras: uma constituída pela repressão como força que impede o acesso à consciência e a outra constituída pelas relações assimétricas ou pelas atividades proposicionais às quais dão lugar e que está na base da função de tradução. Matte-Blanco afirma:

“Se recordarmos que diante de um conjunto infinito o intelecto está empenhado em um trabalho interminável de ‘extração’ de relações assimétricas ou, em outros termos, o ser simétrico é constantemente ‘arremessado’ em relações assimétricas, então, podemos considerar as barreiras das relações assimétricas como numerosas bolsas que transportam o ser simétrico da sua natureza inconsciente profunda para algum tipo de representação na consciência (a superfície). As relações assimétricas seriam algo que empurra o inconsciente em direção à consciência, em um processo infinito. As relações assimétricas agiriam de um modo exatamente oposto à repressão” (Matte-Blanco, 1975, p.302).

Se a função de tradução, assim como a função alfa, é essencial para o pensar, mas também é garantia da nossa “normalidade”, podemos dizer inclusive que a sua falha de funcionamento nos expõe à “catástrofe” sensorial e emocional, subjugando ou desativando a mente, como ocorre nas “crises de pânico”, que conquistaram autonomia psicopatológica e psicodinâmica há muitos anos.

Mais recentemente, Armando Ferrari, na sua hipótese do *Objeto Originário Concreto* (1992), definiu ainda mais – utilizando uma larga seara de observações clínicas – as percepções bionianas sobre as origens do pensar e sobre suas ligações com a emoção radicada na experiência corporal:





“Aprender com a experiência emocional”: considerações sobre a função de tradução ou de ...

“Com o termo Objeto Originário Concreto”, ele afirma, “ressaltamos (...) a unidade constituída por um corpo no sentido físico e pelas sensações que se originam desse corpo, assim como por um aparato mental que percebe e toma nota. Por essa razão, do Uno (as sensações) para o Duplo (mente) podemos identificar a linha que, a partir do aspecto físico, fornece espaço ao mental progressivamente. Seguindo este percurso, o Objeto Originário Concreto dá início ao seu eclipse e, conseqüentemente, à gradual redução do marasmo que ele mesmo gera. O Objeto Originário Concreto é o dado: a mente entra em funcionamento estabelecendo uma relação com esse dado-presença... As sensações e as emoções precisam, portanto, ser ‘pensadas’: este processo exige a focalização das sensações e das emoções e, assim, um espaço que iremos definir como espaço mental (que em última instância é o espaço periodicamente liberado pelo eclipse do Objeto Originário Concreto), sem o qual nenhuma operação de abstração e, portanto, de pensamento é possível”.

Criticando a sua última obra – *L’Alba del pensiero* –, abordei estas reflexões de Ferrari sobre as quais, de modo absolutamente original no panorama psicológico e psicanalítico, Matte-Blanco apresentou formulações com relação à emoção e às suas ligações com o pensamento.

Em *L’Inconscio come insiemi infiniti*, Matte-Blanco propõe, na verdade, uma teoria inovadora da emoção que é declarada, nos seus aspectos psicológicos, sobre duas vertentes: a da “sensação-sentimento”, que a conecta ao corpo e aos seus movimentos (sensações), e a vertente mais propriamente cognitiva ou intencional, que a conecta à realidade externa ao corpo (se tenho medo, por exemplo, sou antes de mais nada “corpo amedrontado”, mas, ao mesmo tempo, tenho pensamentos de medo que são dirigidos ao objeto que está na origem do meu sentimento de medo). A atividade do pensamento, seguindo estritamente a detalhada análise que Matte-Blanco faz, parece empenhada em duas tarefas ao mesmo tempo e encontra nas emoções, que partem do corpo, a sua matriz originária. Essa matriz não será jamais preenchida completamente, mas somente “traduzida” ou “desdobrada” com os instrumentos (finitos) que lhe são próprios, em um processo que se anuncia como infinito.

Relacionando a realidade emocional em seus níveis profundos ao inconsciente, Matte-Blanco pode reformular a célebre fórmula freudiana: “Onde havia o Id, haverá o Ego” (1933), confiando à “função de tradução”, que extrai sem limites relações assimétricas do inconsciente, a tarefa de ser fonte inesgotável de enriquecimento da assimetria e, portanto, do ego: um enriquecimento – acrescenta – “(...) que não reduz a grandeza da fonte, não somente porque a fonte é infinita, mas pelo fato de que a tradução do ser simétrico em termos assimétricos não retira nada do ser simé-





Pietro Bria

trico, mas somente aumenta a quantidade total de assimetria". E assim, conclui Matte-Blanco, "(...) a emoção oferece ao intelecto possibilidades ilimitadas de desenvolvimento (...) A emoção é a mãe do pensamento. Pensar é, portanto, aprender com a experiência emocional" (M. Blanco, 1975, p.303).

Como se vê, o mecanismo teórico que Matte-Blanco oferece parece similar àquele que, no rastro de Bion, Ferrari propõe. Matte-Blanco, porém, leva ainda mais a fundo a sua investigação e, através da reformulação das características estruturais do inconsciente freudiano (que o mesmo Ferrari parece reconhecer na sua dimensão "vertical"), percebe, nos níveis profundos do emocional experienciado, uma lógica que parece análoga àquela do inconsciente e que se manifesta como "infinetização" das propriedades dos objetos com os quais a emoção tem relação.

Neste contexto, o "marasmo sensorial", que Ferrari parece atribuir às experiências vividas originadas no corpo, refere-se, acima de tudo, aos primeiros "registros" ou "esboços" de pensamento – muito impregnados de "simetria", diria Matte-Blanco – com os quais uma mente ainda pouco estruturada "apanha" o corpo antes de começar a operar nos vários registros da linguagem. O inconsciente freudiano se instala, assim, nas mais antigas experiências vividas do corpo, como salientou várias vezes Salomon Resnik, outro grande estudioso de psicanálise.

Concluirei esta minha contribuição com uma extensão dos conceitos de "tradução" e de "desdobramento", que foi desenvolvida no decorrer da obra de Matte-Blanco a partir dos anos 40 e de seus *Studi di Psicologia Dinamica*. Relaciona-se com uma reflexão fundamental que Matte-Blanco desenvolve sobre as relações entre espaço e mente e que contém o uso do conceito de espaço multidimensional para a interpretação dos fenômenos psíquicos. Veremos mais adiante que tal proposta encontrará uma aplicação original na análise do sonho e das suas estruturas, na qual se encontra com o conceito de "desdobramento" (*unfolding*), colocando nova luz sobre ele.

É justamente nos *Studi di Psicologia Dinamica* que Matte-Blanco desenvolve a idéia, retomando-a e aprofundando-a nas suas obras posteriores, de utilizar *um modelo geométrico* para a mente desenvolvido pelos matemáticos Courant e Robbins, no qual é demonstrada a possibilidade de representar um espaço "n-dimensional" em termos de um espaço de dimensão inferior a "n". O modelo sustenta que, quando um espaço de n-dimensões é representado através de um espaço de (n-1)-dimensões, os espaços (n-1)-dimensionais ou de dimensão inferior a (n-1) se repetem na representação. No caso de uma representação tridimensional de um espaço de dimensão superior a três, assistiremos, então, a uma multiplicação de volumes, cujo número se torna cada vez maior à medida que a dimensão do espaço a ser representado cresce, até tornar-se infinito no caso de uma tradução tridimensional hipotética de





um espaço de dimensões infinitas. Tal operação de multiplicação não é nada mais do que o *desdobramento* no espaço tridimensional de uma região do espaço de dimensão superior a três, cujos volumes ou espaços tridimensionais ocorrem *todos juntos* naquele que, aos nossos olhos (“olhos tridimensionais”), parece ser o mesmo volume e, portanto, no mesmo espaço e no mesmo tempo.

Aplicada ao sonho e aos seus “meios de representação”, esta percepção levará Matte-Blanco (1975) a afirmar que “*O modo aparentemente absurdo de tratar o espaço que observamos nos sonhos, torna-se (...) perfeitamente razoável se supomos que o sonhador ‘vê’ um mundo multidimensional com olhos feitos para ver somente um mundo tridimensional*” e a concluir que “*Numerosos fatos que, à primeira vista, parecem completamente caóticos, se tornam perfeitamente normais ao aplicarmos o conceito de espaço de mais de três dimensões. O sonhador e o inconsciente se comportam como um geômetra que emprega um número de variáveis superior a três e que é obrigado a usar na sua representação um espaço de dimensões não superior a três*”.

Esta perspectiva contém uma verdadeira reviravolta na ótica da *Traumdeutung* fundada sobre a repressão e que, para Freud, tratava o sonho como puro *apagamento (deformado) de um ou mais desejos (reprimidos)*. Na verdade, já escrevi, na introdução da segunda edição italiana de *L’Inconscio come insiemi infiniti* – para a ótica “estrutural” que Matte-Blanco privilegia – rastreando as suas origens nos mesmos textos freudianos, o inconsciente como “realidade multidimensional” e a experiência emocional que lhe serve de fundamento constituem para a consciência – que trabalha um número de dimensões espaciais não superior a três – um “hiperespaço” do qual a consciência faz parte: um *superindivíduo* com uma *superlógica* correspondente, que para “vir à luz” deve necessariamente “desdobrar-se” em uma sucessão, deve “tomar corpo” e deixar-se capturar pelas imagens da consciência. Aqui, aparecerá através daquelas lacunas ou incongruências que caracterizam o “espaço-temporal desordenado” das estruturas do sonho, como o chama Matte-Blanco. Ressaltei ainda, em outra ocasião (1984), como nessa perspectiva a condensação e o deslocamento, que estão na base do trabalho onírico, deixam de ser os mecanismos lingüísticos do disfarce ou da deturpação defensiva do desejo reprimido para se tornarem os mecanismos da “tradução” ou do “desdobramento” em imagens desta realidade multidimensional.

Encontrei novamente em um pensamento de Wittgenstein de 1944 esta concepção que desloca a atenção dos “conteúdos” reprimidos para as “modalidades de significação”:





Pietro Bria

“Se a teoria freudiana da interpretação dos sonhos funciona de alguma forma, o faz ao mostrar como é complicado o modo com que o espírito humano constrói imagens dos fatos. A forma da representação é tão complicada e irregular, que com dificuldade se pode chamá-la de representação”.

Em *Pensare, sentire, essere* (1988), do qual estou preparando uma segunda edição em língua italiana, Matte-Blanco dá a este processo, que conduz ao sonho e que é uma aplicação da função de desdobramento, o nome de *tridimensionalização*. E com esse nome descreve a operação com a qual o pensamento tenta “atrair” e “conduzir” no próprio reino a realidade una do infinito emocional, que está além do alcance da nossa imaginação: “(...) a audaz tarefa de um subespaço que tenta levar dentro de si o espaço no qual jaz” (Matte-Blanco, 1995).

Esta reflexão conseguirá efetuar, na mesma obra, uma extraordinária investigação sobre a natureza do objeto e do mundo interno em psicanálise, que se concluirá – abrindo uma grande perspectiva de estudo e de pesquisa para todos nós – com estas palavras que citarei literalmente:

“Existem fatos essenciais a respeito da mente e das relações entre o indivíduo e os outros indivíduos (seio, mãe, pai, mundo) que simplesmente não podem ser compreendidos em termos da antítese externo-interno. Esses fatos referem-se aos aspectos não-tridimensionais que são essenciais para os seres humanos e representam a experiência da indivisibilidade, ela mesma parte da natureza humana. O pensamento freqüentemente procura conceber estes aspectos em termos de espaço, mas o melhor resultado que pode alcançar em tal tentativa é o de usar o conceito de infinito e de espaço de dimensões infinitas... Por outro lado, a tentativa de traduzir os aspectos não-espaciais e atemporais da natureza humana no espaço-tempo é essencial ao pensamento, mas é sempre uma forma de ‘pensarolar’ (thinkating), mesmo que, de certos pontos de vista, trate-se de um pensamento sutil. O fato de que não podemos escapar do nosso modo indivisível de ser ou da experiência da unidade está evidente, de maneira muito natural, na tentativa que fazemos de exprimir esses nossos aspectos através das estruturas bi-lógicas. Através destas últimas, conseguimos, de alguma maneira, ‘aprisionar’ a incompreensível indivisibilidade em algumas estruturas que conhecemos, mas não somos capazes de exprimi-la completamente” (Matte-Blanco, 1988, p.316). □





Referências

- BION, R.W. *Learning from Experience*. Heinemann, 1963.
- FERRARI, A. *L'eclissi del corpo. Una ipotesi psicoanalitica*. Borla, 1992.
- BRIA, P. Il sogno e la filosofia psicoanalitica della mente. Una prospettiva bi-logica del contributo di Freud. *Archivio di Psicologia, Neurologia e Psichiatria*, XLV, 3-4, 1984.
- _____. Thought, Unconscious and Vicissitudes of Corporeality, review of *L'alba del pensiero (The dawn of thought)* by Armando B. Ferrari and A. Stella, Roma, Borla, 1998, *International Journal of Psychoanalysis*. London, 2000.
- FREUD, S. *Opere*, v. 11. Torino: Boringhieri, 1967-80.
- MATTE-BLANCO, I. *The Unconscious as Infinite Sets. An essay in Bi-Logic*. London: Duckworth, 1975 (II edizione italiana, Einaudi, 2000).
- _____. *Thinking, Feeling and Being. Clinical Reflections on the Fundamental Antinomy of Human Beings and World*. London: Routledge, 1988 (trad. it. Einaudi, 1995).
- MONEY-KYRLE, R. E. Cognitive Development. In: *The Collected Papers of Roger Money-Kyrle, a cura di D. Meltzer*. Clunie Press Strath Tay Perthshire, 1978. Tradução em português: *Obras selecionadas de R. Money-Kyrle*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- WITTGENSTEIN, L. *Vermischte Bemerkungen*, Suhrkamp Verlag Frankfurt Am Main, 1977 (trad. it. Milano: Adelphi, 1980).

Recebido em 30/03/2003

Aceito em 23/04/2003

Tradução de **Janisa Antoniazzi**

Revisão técnica de **Viviane Sprinz Mondrzak** e **Magali Fisher**

Pietro Bria

Viale Cortina d'Ampezzo,60

00135 Roma – Itália

E-mail: pbriaiccp@rm.unicatt.it

© Revista de Psicanálise – SPPA

